

EM CANTOS
DE VIDA
**ENCANTOS
DE MORTE**

VERA LAMANNO-ADAMO

EDITORA PENALUX

Guaratinguetá, 2019



Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO: França & Gorj

EDITORIAÇÃO ELETRÔNICA: Karina Tenório

REVISÃO: Teresa Lúcia Colussi Lamano

IMAGEM DA CAPA: Da autora

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L214c LAMANNO-ADAMO, Vera. 1955. –
Em cantos de vida encantos de morte / Vera Lamanno-Adamo.
– Guaratinguetá, SP: Penalux, 2019.
82 p.: 21 cm.

ISBN: 978-85-5833-549-2

1. Ficção I. Título.

CDD: B869.93

Índice sistemático:

1. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.

A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

UMA CENA QUE SOMENTE ela ainda via e sobre a qual jamais falou para alguém. A imagem da mãe se penteando frente a um espelho enorme. A menina sentada na cama olhava absorta para o movimento leve das mãos.

Nunca tinha visto mãos tão graciosas como as da sua mãe. As unhas eram encantadoras e sempre bem aparadas e esmalgadas. Não eram mãos desfeitas, como a de muitas mulheres que conhecia na época. Mãos envelhecidas, grossas e cheias de manchas. Aquelas mãos tão bem-feitas, sempre quis conservá-las na memória. E desejaria muito poder pintá-las, manter para sempre a imagem da mãe se penteando e ela sentada na cama sem perder um só de seus movimentos. Gostaria de manter vivos para sempre, esses momentos. Desejaria fazer disso um quadro, para não perder jamais esta imagem.

E naqueles instantes de desilusão, naqueles instantes iguais a esses, naqueles, nesses momentos de solidão pegaria o quadro e se veria novamente sentada na cama, contemplando a imagem reveladora da mãe, seus cabelos longos e pretos. A mãe se arrumando e a menina meio de longe a admirá-la, a testa sem rugas, a boca sem vincos nas laterais, as bochechas coloridas. Não era um rosto destruído, um rosto cuja matéria havia sido destruída.

Vinte e poucos anos e a sensação de ter sido devastada. Está indo para um lugar estranho. A mãe tinha um olhar desconfiado. Parecia triste, parecia querer dizer: cuidado filha! Mas não chegou a dizer isso.

RECOMEÇARIA EM TERRA ESTRANHA, disso lembrava-se bem. Levava consigo a voz reveladora: agora você já é uma mulher! Não mais aos treze, agora aos vinte e quem sabe recomeçando. Recomeçando ou repetindo. Essas coisas pareciam ficar misturadas sem ela saber ao certo o que era uma ou outra. Mas naquele tempo não tinha dúvidas, tinha certeza de que recomeçava.

Ele chegou com jeito de quem nada queria, nada esperava e ela também. Desejavam nada, a princípio. Naquela época não reconhecia uma vontade de rasgar, de estraçalhar. Enxergava-se calma. Calma e contemplativa. No seu interior, contudo, tinha algo prestes a estourar. Talvez por isso, percebia na mãe certo receio pelo que estava por acontecer e certa desconfiança também.

Era por isso que desejava tornar-se pintora, para que as coisas não acontecessem dentro de si sem ao menos perceber. A pintura, como a fotografia que conserva algo imperdível.

ESTÁ NUM PEQUENO APARTAMENTO. Um lugar esquisito. Bastante pequeno. Somente uma sala que serve também de quarto, uma cozinha e um banheiro. Um sofá cama e uma televisão, mais nada. Mais nada. Fazia força para se sentir feliz, mas na época acreditava mesmo que estava vivendo um momento de intensa felicidade. Ela ria muito e ele também. Falava muito. Lembra-se que algo a constrangia, mas fazia força para não prestar atenção nisso. Só queria ser feliz. Ter aquele homem ao seu lado era o que bastava.

Estava muito atraída por ele. Não ficavam mais do que três ou quatro horas juntos, jamais. Jamais. E não eram nunca suficientes. Quando tinham que deixar aquele lugar pequeno habitado por um sofá que virava cama, sentia tristeza. Muita tristeza. Era sempre assim e não podia ser diferente. Não podiam nunca se encontrar mais do que três ou quatro horas por vez. E não era o bastante. Ela queria mais. Queria um encontro duradouro, mas sabia que isso não seria possível. Sabia disso desde o início. Sabia que não poderiam ser mais do que alguns encontros passageiros, mas tão intensos que valia a pena toda a tristeza posterior. Esse pensamento a acalmava. No entanto, fazia muita força para se confortar com aquela situação. Fazia muita força para acreditar que aquilo era felicidade. Só mais tarde pode perceber que sua testa estava ficando com rugas. Ao término de cada uma das três ou quatro horas juntos, a sensação de nunca mais era o que prevalecia. E, no entanto, fora

daquele apartamento, longe daquele sofá que virava cama, se transformava numa outra mulher. Colocava-se a disposição de todos os homens, e todos a observando com os mesmos olhos desconfiados da mãe. Olhos que diziam: você já não é mais a mesma, você foi lançada nas profundezas dessa estrada, à disposição de toda uma cidade, à disposição de seu desejo do qual já não é mais dona.

O imponderável a jogava em direção àquele homem de uma maneira irresistível. Entrava feliz e saía estranha daquela sala/quarto sem ventilador. Não conseguia dizer não àqueles momentos de intenso prazer.

Acontecia quase todos os dias. Disso tinha certeza. Em alguns momentos o desespero aparecia. A impossibilidade de dormir, um desânimo, uma mulher agonizante, a incapacidade de manter uma rotina. E mais do que tudo, a impossibilidade de relembrar a mãe sentada na penteadeira e a menina a olhá-la curiosa e admirada. Ambas tão perto e tão distantes. Os olhares de cobiça de todos os homens como se cada um deles, ou todos ao mesmo tempo, pudessem possuí-la, como se fosse um nada, um pedaço de coisa a ser desejada. Cabia a ela somente gozar, mais nada. Absolutamente nada. Ela gozando e todos, ou cada um deles, possuindo-a. Mais nada. Nem começo, nem meio e nem fim.

MUDOU O PENTEADO. Passou a usar um cabelo longo, anelado. Enxergava-se bonita. Olhava no espelho do quarto e admirava o seu corpo. Não conseguia perceber, aos vinte anos, que era um corpo bem esculpido, mas doloroso possuí-lo. Uma massa acinzentada, pesada, o que significava que não estava bonita. Uma massa acinzentada que não mudava de cor. Não importava o quanto gostasse não se tornava bronzeada, com cor de cobre, cor de quem estava habitada e habituada ao desejo.

Depois disso, quando tudo acabou, cortou os cabelos e mudou novamente a maneira de se vestir. Olhava o seu corpo no espelho e o achava feio, feio e destruído e, no entanto, tinha sido tão bom. Até hoje se lembrava dele. Essas lembranças morram muito longe das que tinha da mãe se penteando. Cada uma dessas imagens morando em lugares distintos. Às vezes, tem a sensação de que nunca mais vai se lembrar da mãe no quarto, da mão macia, da testa sem rugas. Outras vezes, acredita que morreram para sempre o sofá que virava cama, gosto e o gozo interminável por aqueles momentos ambíguos e sufocantes.

A mãe chamava-a por um apelido carinhoso. E ele, ele também passou a chamá-la dessa forma após alguns encontros, após ela ter lhe contado sobre a mãe. Foi numa tarde, recorda-se como se fosse hoje. Estavam deitados no sofá/cama, fumavam um cigarro. Estava muito quente. Como já foi dito, não havia nenhum ventilador naquele lugar, mas não davam muita importância a isso. Até gostavam do suor escorrendo

pelo corpo, escorregavam um no outro como se estivessem virando gelatina e fossem acabar. Naquele momento, tudo iria acabar. Numa tarde dessas, olhando ao redor daquela sala que também era quarto, disse: poderíamos ter um quarto só nosso, com uma cama bem grande e uma penteadeira, eu me penteando e você me olhando. Ela então falou sobre sua mãe. Falou dos seus olhos amendoados e das suas mãos macias. Mas logo mudou de conversa e depois, algum tempo depois, mencionou de forma abrupta o apelido que a mãe lhe dera. Ele riu. Uma risada com dentes brancos, muito limpos. Daí por diante ele passou a chamá-la da mesma forma. Mas só lá, naquele canto pequeno, naquele pedaço de mundo. Fora dali já não o enxergava mais. Nem os seus dentes brancos, nem a sua voz macia confundida com a da mãe.

Estranhos foram esses encontros. E agora ela via que ao se olhar no espelho ficava com uma sensação, leve que fosse, que aquelas horas, aquelas três ou quatro horas, não lhe pertenciam. Nunca lhe pertenceram. Na época não, na época só existiam aqueles momentos. Fora deles, apenas intervalos entre um encontro e outro. O que importava de fato era aquele sofá que virava cama. Nada mais. No entanto, tempos depois, foi revelado que aquelas horas jamais lhe pertenceram. Nem as horas de prazer, nem os momentos de desespero e nem os de extrema inspiração. Seu cotidiano era pedaços de qualquer coisa, pedaços empilhados uns em cima dos outros formando o que chamavam: mulher.

Era por isso, por essa sensação de fugacidade, que desejava pintar. Colocar numa tela, para jamais esquecer, aquela massa acinzentada implorando para ser dona de seu prazer, seu desespero e sua inspiração.

OLHA PARA AS MÃOS e vê que estão cinzentas. Pergunta a si mesma: afinal, algum dia tiveram outra cor? Não pode responder. À sua frente, deixe-me contar, à sua frente, a imagem de si própria com uma calça jeans surrada. Não se lembra de mais nada. Somente os olhos. Tudo estava nos olhos. Um olhar de desespero, mas de novo, só agora o enxergava dessa forma. Na época não, na época, era tido como olhar de decisão. Olhar de nunca mais. Seu desejo era dizer não a tudo. Ao conhecido e ao desconhecido. Não àquela terra estranha que ficava cada vez mais densa e ociosa. Não àquela voz a lhe chamar pelo apelido. Não a tudo. Tudo. Corpo apático, dentro de um jeans surrado. Corpo de criança ingênua e apavorada. Olhar de quem desesperava. Talvez por estar decidida a dizer não. Mas existia um prazer que quase levava ao grito. Um prazer a ser renegado e relegado ao passado.

Para dizer não, tinha que virar outra mulher: Mulhermorte. Senhora distinta, mãos suaves e bem cuidadas como as de sua mãe.

Este livro foi composto em Sabon LT Std
pela Editora Penalux e impresso em papel
pólen bold 90 g/m², em agosto de 2019.
